



# Galato



**PORTE  
PAGO**

Quinzenário \* 20 de Setembro de 1980 \* Ano XXXVII — N.º 953 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## AQUI, LISBOA!

Vai o Sínodo Romano de Outubro próximo debruçar-se sobre a Família, à luz da temática «As funções da Família cristã no Mundo de hoje». Ao longo do ano, se Deus nos permitir e os homens não obstarem, teremos oportunidade de referir nestas colunas, em «flashes» sucintos, alguns dos aspectos mais relevantes do que concerne à existência e ao funcionamento dessa «escola de humanidade mais completa e mais rica», para utilizar expressão do Vaticano II, que constitui, por assim dizer, o cerne de toda a estrutura social.

Em plena época estival vimos sugerir às famílias concretas que nos lêem, sem academismos ou pseudo especulações, como à laia de prólogo, que se proponham acompanhar interessadamente toda a vasta gama de literatura, de reuniões e de colóquios que vão suceder-se, em ordem a fortali-

lecer os laços familiares, rever os comportamentos e superar eventuais dificuldades.

Sem famílias capazes, fortes e coesas, não será viável uma sociedade sadia, onde os valores espirituais e morais imperem. Famílias desagregadas, que não funcionam ou funcionam mal, só podem conduzir ao caos social. A nossa experiência dolorosa assim o atesta. Importa, pois, que de mãos dadas, e todos não seremos demais, procuremos denunciar os factores externos e internos que condicionam a existência de famílias sólidas e felizes, tomando as iniciativas ao alcance para vencer as dificuldades ou escolhos que a tal se opõem.

Muitas famílias estão em férias; outras acabam de as gozar. Queira Deus que não tenha sido ou venha a ser tempo de mais dissipação e de maior desgaste, como tantas vezes sucede, a exigir um au-

têntico repouso e relaxe subsequentes, pois, não raro, muita gente acaba as férias mais cansada que quando as iniciou. São as férias o período mais propício e aconselhável para uma vida familiar mais intensa, em que as pessoas se encontram reunidas e se dispõem de mais espaço para um diálogo sincero e profundo, meditando sobre as responsabilidades contraídas, revendo, quicá, certos modos de agir e ultrapassando conflitos e divisões, se o espírito de reconciliação está presente. Os filhos, a grande riqueza que Deus confiou aos pais, devem estar presentes neste processo, se é que as pessoas não se querem demitir ou ficar pelo simples gerar. Ao contrário tudo se degradará, com consequências nefastas imprevisíveis. A unidade familiar e os laços entre os seus membros é construção nunca acabada, a exigir empenhamento e compromisso em todos os momentos e, se queremos os fins, ponhamos os meios.

● O aspecto supletivo das instituições particulares de Assistência, e não só, só é posto em causa nas sociedades totalitárias ou em vias disso. Se não fora a iniciativa privada, a situação gravosa e trágica existente em Portugal atingiria muito mais expressivas carências. É certo que compete ao Estado o principal papel no campo assistencial, mas também é verdade, por

Cont. na 4.ª página

## CARTA de longe

Moisés tirou o Povo de Deus da escravidão do Egito para o levar para uma terra com leite e mel. Sinal evidente de que o Senhor não tolera a miséria degradante e a exploração.

O Povo de Deus caminhou numa situação de carência, de ausência, de desprezo por parte dos reis e poderosos da Terra.

Verdadeiramente pobre!

Pobre mas rico, humilde e disponível em Deus. Ele acompanhou o Seu Povo em marcha com todo o carinho; adoptando, como filha estremosa, esta pobreza. Ela é bem o modelo vivo do que deve ser a Igreja.

Igreja pobre e serva!

Não ligada aos poderosos!

Sem mercenários!

Sempre disponível!

A procura de Justiça!

Denunciando a opressão!

... Pelas planícies imensas e matas sem fim, o caminho de poeira. Grupos de refugiados caminham vacilantes, descalços, com fome e alguns em ferida. Vi-os chegar à Missão no meio dum planalto, entre eucaliptos esguios.

As portas desta Missão estão sempre abertas a todos os passos. E as mãos do Missionário (74 anos) distribuem farinha, feijão, óleo e remédios.

Os meus olhos deslumbrados contemplaram, há dias, este quadro maravilhoso — embora com dor, atendendo ao estado dos Irmãos.

Na habitação deste padre do Senhor não encontrei um simples espelho, uma concha para servir a sopa, uma chávena para tomar café. Está a 270 quilómetros da cidade mais próxima e não tem carro.

Pobre!

Sempre disponível!

Pragador de Justiça!

Ao lado dos Oprimidos!

Padre Telmo

## Lançamento do 3.º volume do livro «DOCTRINA»

Até meados do próximo mês — assim esperamos — os assinantes da nossa Editorial receberão, em suas casas, o 3.º volume do livro DOCTRINA, de Pai Américo.

Com esta recolha e selecção de textos publicados em O GALATO, do n.º 213 de 26 de Abril de 1952 ao n.º 321 de 16 de Junho de 1956 — precisamente um mês antes de Pai Américo seguir para o Céu — fechamos a colecção sob o título DOCTRINA, que faz maravilhas na alma do leitor, pelo bafo do Espírito.

Alguns deles — e são tantos! — não guardam só para si esta riqueza; projectam-na no mundo das suas relações pessoais:

«Agradeço que me enviem a relação dos livros de Pai Américo.

Desejo, através de uma simples oferta, difundir a preciosa doutrina neles vivida.

Ainda há dois anos, e para o mesmo fim, trouxe de vossa Casa alguns exemplares que foram muito apreciados.»

Segundo outro correspondente, com a presente edição — na esteira das restantes — «presta-se mais uma homenagem a Pai Américo; homenagem não só dirigida ao Homem, à sua Obra grandiosa, às suas ideias e doutrina, como ainda ao seu estilo de escrever tão característico e que, talvez por ser tão simples, é facilmente compreendido — e tanto escandalizou alguns pretensos puristas da nossa língua. (...) Os livros de Pai Américo são de um conteú-

Cont. na 4.ª página



Um aspecto da nossa Aldeia do Tojal, a supor muito, trabalhos e canseiras.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É uma Viúva com filhos doentes. Não tem mãos a medir e precisa ganhar fôlego para se ausentar de casa por breves instantes!

Curioso: Nunca ouvimos uma queixa da boca desta santa mulher, que sofre a dolorosa cruz com simplicidade, espantosa virilidade — inteira doação. Uma heroína!

A sua vida é uma Oração, um Ofertório permanente: — *Eu todos os dias rezo por V. Mais naquelas noites em que não prego olho — e são tantas! — por mor dos meus filhos...*

Mãe estremeosa!  
Esta delicadeza deixa-nos sempre muito confundidos. A Oração do Pobre é Alimento de primeira ordem. Já o saboreámos, inclusivé, no coração do Banredo, entre gente dita de má nota, agartados à capa negra de Pai Américo. Mas, lá dentro, naquelas hotéis superlotados, é que era!...

A Oração do Pobre é espontânea, sincera, um tesouro bendito: — *Nunca me esqueço de V...*

Esta Mãe heroína — vítima inocente de injustiça social que será reparada brevemente — não esquece, espiritualmente, quem lhe dá a mão e se não cala, investido de procuração. Ai de nós! Essa Força vem exactamente da aparente fraqueza (outros dinham conformação) dos Sem-Voz, marginalizados ao som de melodiosas partituras.

● Ela é jovem e o marido abandonou o lar... A pobre moça, porém, lá vai enfrentando os espinhos, defendendo a sua honra — e a vida dos filhos.

O vicentino relata a tragédia com o coração nas mãos. Tem mulher e filhos...

— *É triste, no meio disto tudo, como a pobre mulher nem tampouco recebe o abono de família dos inocentes!*

— *Será que ele, ainda por cima, come o pão dos próprios filhos!?*

— *Vamos saber concretamente o problema para se agir imediatamente...*

Mais um compromisso na defesa e subsistência duma família esfrangalhada!

Pelo diagnóstico do caso, não há hipótese de reconciliação. Com a agravante de que, neste desmoronar, as vítimas inocentes ainda não beneficiam de rápida Justiça, por acção sumariíssima, sem recurso a complicadas andanças burocráticas! Somos um País onde os valores transcendentes da Família andam na língua de muitos e no trabalho de poucos. Como interpretar o falecido Ano Internacional da Criança?!

● Aquela manhã foi uma bendita desordem. A casa era um autêntico reboliço!

— *Desculpe... São garotos das ruas do Porto, em férias.*

— *Mesmo dos nossos!*, exclamámos de imediato.

— *Somos vicentinos; nós três e aquelas duas. E os cachopos são filhos de Pobres que visitamos.*

Cumprimentámos um por um. Durante o pouco tempo de conversa com o mais responsável, bem sintonizados, os outros exerciam paternidade: — *Não mexam aí! Larga esses papéis...*

Os pequenitos estavam no seu mundo; eles, os recoveiros dos Pobres, no seu lugar. Minutos cheios de vida!

Enquanto partilhámos, com o mais velho, experiências da nossa acção comum, omitimos outras que ficaram a retinir em nossos ouvidos. Como a história burguesa de que *«não há Pobres»*. Ora este grupo testemunha exactamente o contrário. E mais: que se podem diversificar acções e pô-las em prática na devida altura.

A Caridade é inventiva, oportuna. E, porque eterna, enquadra-se no tempo e tem sempre o Seu lugar. Deus é Caridade!

Aquêles vicentinos do Porto — eles e elas — são uma lição actualíssima. Particularmente para comunidades cristãs, do nosso País, onde o Pobre ainda é esquecido, quando deveria ser o complemento indispensável do Altar do Senhor.

«Cada freguesia cuide dos seus Pobres» — recomendou Pai Américo insistentemente. Se fosse vivo, não diria nem faria mais nem menos — porque Deus é Caridade.

**PARTILHA** — Carviçais, 500\$00. Quatro vezes mais, da assinante 17581, de Lisboa. Mais uma nota de Gaia para distribuímos «como melhor entenderdes». E mais outra «por alma dos meus queridos Pais e Irmã», de Parede. E outra nota, de senhora de Leiria. Rua António Carneiro, Porto, 100\$00. Mais um donativo de Fátima. Assinante 19362, de Nisa (Alentejo), sensibilizada com a divulgação do M. E. V., partilha generosamente. Vale de correio, de Coimbra, Rua Combatentes G. Guerra, «para uns Pobres idosos, por alma de minha Mãe e meu Pai». Também sufragando familiares, «pequenina migalha» da Rua Pascoal de Melo, Lisboa. Laura, do Porto, 125\$00. No Espelho da Moda, 1.000\$00 de um anónimo. A. F., do Porto, com 350\$00 «por alma de minha Tia Alice». A remessa habitual da assinante 19177. «Uma portuense qualquer», cujo abraço retribuimos, manda 500\$00 «retirados do meu subsídio de férias». Assinante 8492, 600\$00. Idem, do Bairro de Paranhos (Porto). Assinante 28053, 150\$00. O vale habitual do casal-assinante 17022, de Santarém. Em mãos, 60\$00 de senhora muito amiga, ora para os lados de Baião. Rua das Amoreiras, Lisboa, «ajudas dos últimos quatro meses e mais 100\$00 pelo aumento do custo de vida». Que não tem sido pequeno!... Paço de Arcos, o vale de correio cujo valor é retirado ao vencimento, mensalmente. E há quantos anos! Só uma grande fé e desprendimento motivam tanta generosidade. De Almada, 500\$00 com uma intenção. Senhora entrega no Total 600\$00. Uma «Criada Maria», 100\$00. Valem uma fortuna! Lá isso é que valem. Finalmente, a Mensagem parte de um Vicentino lisboeta, muito assíduo:

«É uma verdade evidente que a preguiça é um inimigo da alma. Quan-

to bem, quantas coisas boas a favor do nosso Próximo deixamos de fazer por mera preguiça! E, todavia, as necessidades do nosso Próximo é que não têm preguiça, manifestando a sua presença, incansavelmente, a todo o momento.

Este sentimento de inutilidade torturava o espírito do vicentino; mas, mesmo assim, nada me fazia sair do torpor... Foi precisu a ocorrência de uma efeméride — aniversário natalício de uma das minhas filhas neste dia de Santo Agostinho, sem dívida o maior Doutor da Igreja Ocidental — para me dar uma sacudidela. Pensei que a melhor maneira, a mais agradável a Deus, de comemorar a efeméride, seria ir ao encontro de algum Irmão necessitado.

Para tanto, junto remeto um cheque que aplicará segundo a ordem de urgências que julgar mais pertinentes.»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Sonhe

*Sonhe que não há solidão!  
Sonhe que não há escravidão!  
Tente.  
É fácil.*

*Sonhe que não há abismos!  
Sonhe que não há veneno nos rios!  
Pode considerar-me um sonhador,  
Mas não sou o único.*

*Sonhe que só há céu azul!  
Sonhe que só há certeza e divina luz!  
Tente.  
É fácil.*

*Sonhe que só há justiça e esperança!  
Sonhe que só há alegria nas crianças!  
Pode considerar-me um sonhador,  
Mas não sou o único.*

*Sonhe que todas as pessoas  
São livres, felizes,  
Vivendo para o dia de hoje!*

*Sonhe que o homem  
Já não persegue  
Nem é polícia  
De outro homem!  
Tente.  
É fácil.*

*Sonhe que as gentes  
Compreendem e aceitam  
As outras gentes!*

*Sonhe que os Povos  
Cumprimentam e amam  
Os outros Povos!*

*Pode considerar-me um sonhador.  
Mas não sou o único.*

Manuel Amândio

## Paço de Sousa

**FUTEBOL** — A nossa equipa está a participar num torneio de futebol em Retorta. Na primeira jornada ganhou ao Novelas por 2-0. Vamos

a ver como serão os outros jogos. Boa sorte!

**VINHO** — Este ano vamos ter menos vinho do que o ano passado, devido a doenças da vinha, e apesar de termos sulfatado muitas vezes.

As uvas estão a ficar maduras e já há gente castigada por irem a elas antes do tempo.

**BATATA** — Terminou a colheita da batata. Foi trabalho duro, que ocupou mais ou menos vinte rapazes do campo e da lenha. Ao contrário do vinho, este ano houve mais batata do que o ano passado. Agora, a malta anda a escolher e a arrumar a batata no celeiro. Todas as que estão cortadas, são logo aproveitadas na cozinha. A pôdre deita-se fora.

**VISITAS** — Temos tido muitas visitas durante a semana e mais aos domingos.

Há pouco tempo estive connosco um grupo, nosso amigo, que vem cá todos os anos. O nosso Conjunto musical actuou um bocado, e eles acabaram com o resto. Foi um domingo bem passado.

**AZURARA** — Estávamos a contar com uma crónica do último turno dos nossos, na praia de Azurara. Foi pena não ter vindo. Eles devem ter lá boas notícias para nos dar. E está lá o cronista!

«Rolita»

## Setúbal

**AUSÊNCIA** — Eu estive durante alguns dias ausente. Cheguei e vi a nossa Casa vazia. Não encontrei as perguntas insistentes e os abraços do «Tété», do Rui e do «Banana»; e carapinha do Marinho Preto e os beijos mais a algararra dos outros que varrem as ruas.

Soube logo: — «Estão prá praia». Eu senti falta deles. Todos, precisam do benefício do mar. Nós ainda não temos casa na praia. Acampamos ali com tendas emprestadas por alguém que olha prós nossos e vê neles promessas de homens.

Só hoje, que chegaram, é que tive inspiração para agarrar no meu bloco. Até parece mentira!

**LIVROS DE PAI AMÉRICO** — «Os vossos livros podiam servir de leituras na celebração da Missa e dizer-se no fim de cada um: Palavra de Deus.»

Foi com esta frase repetida, que eu mais aquele senhor Professor subimos e descemos sucácos e vales. Falámos muito de Pai Américo, mais da Obra que continua. Falámos nesta e naquela personagem que O GAIATO descreve e cai dentro do meu companheiro como se deles tivesse exame a fazer. Homem que faz coisas grandes de pequeninos nadas! Ele sabe. Ele continua a ser Professor, não onde já foi, mas, no momento que passa, nos cristos que encontra aqui e ali pelo caminho.

Eu não sei como ele saboreou algum livro de Pai Américo para assim falar. O que sei é que ambos

sentimos o que Pai Américo disse: «Esta doutrina não é minha...» Mediante isto, já levei alguns livros e vou providenciar para que este Amigo possa «mastigar», com prazer, todos os aperitivos do seu gosto.

**UMA CARTA** — Um dos nossos, que andava por lá, foi preso. Não sei o que fez. A família seduziu-o e deixou-se ir na promessa das facilidades. Por várias vezes veio ter connosco e dissemos o que devia fazer para melhorar a sua situação. Não fez como lhe dissemos. Agora escreve-nos uma carta da cadeia. Nós sabemos que a semente está lá, embora ainda não tenha germinado. Ora isto serve de sobreaviso aos nossos que julgam que a Liberdade é uma coisa exterior e não implica responsabilidade. Esperamos que este nosso ainda acorde e deixe germinar a semente que a Casa do Gaiato lhe lançou.

**ALEGRIA** — Outro caso. Este bem ao contrário. É o Jacinto. Visitou-nos com a mulher e filhinha. Sensibilizou-nos a esbanjada alegria deste que foi nosso também, que encontrou dificuldades, mas lutou contra elas. Esteve muito tempo na hotelaria, até que arranjou melhor lugar. Veio no seu carro, que ele mal-la mulher têm pago com o que vão amealhando.

As saudades deste Jacinto não são para poder descrever. «(...) Vim visitar e matar saudades porque afinal esta é que foi a minha Casa.» Os olhos dele mal-los meus encontraram-se bem e comungámos os dois dela. Que pena o Padre Acílio não tivesse compartilhado também!

Jacinto vem sempre que possas. Da vossa luta na vida provém muita força para os que aqui trabalham no intuito de outros sentirem a tua alegria.

**SINETA** — Chegaram mais dois. São gémeos. No tugúrio há mais não sei quantos! A primeira vez que ouviram a sineta ficaram muito admirados. Eu estava perto e expliquei para que era o toque: — «É a hora da merenda», palavra que eles ainda não conheciam. Expliquei doutra maneira e então, sim, lá foram eles de mistura com os outros.

Hão-de compreender o toque da sineta e quem sabe se virão a desejar que o toque chegue até ao lugar onde os irmãos estão a passar fome, sem Escola, sem Vida.

**OBRAS** — A casa um está um amor! Não podemos ficar sempre a olhar para ela. Muitos casos como o que aqui mencionamos esperam por mais lugares aconchegados. Enquanto o Padre Acílio corre as praias do sul a pedir aconchegos, uma equipa dos nossos anda a demolir o que até aqui era frio. Vai ser a casa dois. O tugúrio de onde vieram aqueles dois gémeos, não nos pode deixar parar.

**TELEVISÃO** — Bem haja o Casal amigo que tem dado tanta delícia aos nossos que vêem TV a cores.

Ernesto Pinto

# AGORA

Não fôra alguns dons mais graúdos e toda a gotinha que nós podemos canalizar para que haja maré e possa navegar-se nos fundos do Património dos Pobres — e teríamos enalhado e mergulhado em forçadas férias! Graças a Deus não é assim. Nem nos perguntem como é, que a gente não entende! A verdade é que tem sido possível servir todos aqueles que racionalmente se apresentam. E esperamos estar a postos para fazer da mesma sorte quando se estabelecer corrente para os Açores e muitas famílias que, em virtude do sismo de há meses ficaram sem tecto, possam revê-lo no seu lugar com ajuda também desta mão, com falange porque vertebrada, mas ela-própria representativa de uma falange de corações fraternos.

Aqui estão alguns deles, incansáveis ao longo de meses e de anos. Muitos já fizeram as suas «bodas de prata» nesta procissão! São:

O Pessoal da ex-HICA com seis contribuições e os Funcionários da Caixa Têxtil do Porto com cinco, relativas aos meses de Março a Julho.

Os de todos os meses: A Maria Augusta com os seus 500\$. J. P. R., idem. O Manuel, de Braga, com 4.000\$, pois «já há quatro meses que não man-

do» e mais este desabafo de estremecer:

«Quando chega o vosso jornal, chega o companheiro amigo, que me traz muita alegria por ver a ajuda que a Obra vai fazendo aos que mais precisam. Eu não sou rico, até sou pobre. Chego a ter dias que passo fome porque sou doente e o que dou podia ser para me tratar melhor. Mas espero que o Senhor, no outro mundo, me recompense do bem que faço.

Na Santa Missa peço a todos os sacerdotes da Obra uma intenção em particular por mim. Eu também os tenho presentes nas minhas orações. Encontro-me há 14 anos numa provação que o Senhor me tem dado, que me faz sofrer muito, no corpo e na alma. Chego a desanimar, mas como sou muito devoto de Nossa Senhora vou levando a cruz mais resignado.»

Meu Deus, quem merece tal e tamanha partilha?!

Este grupo fecha com uma presença dupla dos «velhos» M M-A L.

Estes, agora, não são de todos os meses, mas de muitas, muitíssimas vezes: Cruz, da Beira, com 1.000\$ e do Mea-theiro do Teatro Sá da Bandeira, 11.160\$00.

Outro grupo de antigo conhecimento: Os das casas com nome. 500\$ de Júlia, da casa Ouvi-me Senhor. O mesmo, «cinco gotinhas», da da Casa Sta. Filomena. Dez vezes mais da da Casa Louvado Seja N. S. Jesus Cristo. De Setúbal, esta confissão:

«Deus os ajude a continuar com a barca da Obra da Rua e lhes dê forças para irem fazendo de cada rapaz um homem.

Eu faço parte da família de fora, sou muito caloteira, pouco assídua, bastante indisciplinada, mas com a consciência que devo a minha formação cristã à Obra, a O GAIATO, enfim, ao nosso todo — os de dentro e os de fora.

Mandar alguma coisa para vós não é fácil; o dinheiro que o Senhor nos concede que seja para vós é exigente, muitas vezes nós temo-lo e até um pouco a mais, mas como nos falta a disposição interior para o desabafo, a confiança que deve acompanhá-lo, ele tarda em seguir.

Junto a esta carta 1.000\$. 250\$ são para a Casa Nossa Senhora do Carmo, começada há mais de vinte anos e oxalá o Senhor me permita que eu nunca mais a considere acabada, pois são tantos os nossos Irmãos que se abalançam à Auto-construção, com sacrifícios desumanos, que nós, os que temos casa, temos obrigação de ir dando uma ajudinha mesmo pequena.»

Trinta contos para a Casa Padre Cruz. Mais 52.800\$ da Casa Tia Lai, «a distribuir pelos Auto-construtores conforme entender e onde quiser. Poucos saberiam quem era a Tia Lai que dava uma casa para o Património dos Pobres e mesmo nada interessava que se soubesse. Portanto, assim fica satisfeito o meu desejo».

Para o desfile de hoje restam os Avulsos. Não têm norma certa no aparecer, mas muitos deles são também velhos e queridos conhecidos. Quinhentos não sei de quem nem de onde. Seis vezes mais da Praça de Alvalade e o dobro da Av. Madrid em Lisboa.

«Zé Ninguém»: «Recebi há dias a minha reforma e já não foi sem tempo, pois tenho 75 anos. Retirei 5 contos para oferecer a essa grandiosa Obra que o nosso Pai Américo nos legou».

«Em sufrágio de minha família» 300\$ e outras iguais fatias para outros ramos da Obra. Mil entregues no Tojal. Doze vezes mais que um Pároco nos enviou a pedido de «pessoa vinda de França». 120\$ do assinante 373. E 2.000\$ de um Coronel-médico «pedindo a Deus que vos abençoe a todos e às vossas Obras». E leva a delicadeza a assinar-se «muito obrigado». Pois que

Deus o abençoe, também, di-zemos nós.

Mil no Espelho da Moda e outros 1.000\$ no mesmo sítio. 200\$ de Mesão Frio. Quinhentos do Assinante 26544 e 2.000\$ da Rua Duque de Saldanha (Porto) «para o donativo que considerarem mais urgente». Seiscentos da «Mãe que crê em Deus». Mil do Porto: «É do primeiro ordenado do meu filho, que por graça de Deus se encontra na Faculdade, 2.º ano, e empregado». Outra alegria da mesma espécie:

«Olá, boa tarde.

Venho hoje passar por aqui apenas para deixar ficar isto.

Mais do que o pouco que é, representa, isso sim, a esperança e o entusiasmo de um primeiro ordenado, sim, meu, que agora é vosso!

Há muito que já tinha dito que para vós ou para outro lado seria. Contudo, como várias vezes um dos garotos passa por lá com as notícias de O GAIATO, é sempre mais viva a vossa lembrança.

Até agora ele não me fez falta e por isso talvez vós o aproveiteis melhor. Vós sabeis para o que dará mais jeito mas, se puder ser, porque não para a iniciativa da Auto-construção? Bem sei que para poucos tijolos dá.

Seja como for, está bem entregue. Só desejo que tantos de vós consigais o mesmo que eu: arranjar o vosso primeiro emprego e sentir-se felizes.

Adeus. Obrigado por tudo. Continuai dando notícias em O GAIATO. Felicidades.»

Assim vieram estes nove contos, embrulhados em simpatia!

Outrotanto do Assinante 10737 para repartir «pelo Calvário e pelo que melhor entenderem».

«Hoje, que a Igreja comemora S. José, de quem sou tão devota, também eu vos quero lembrar, enviando esta lembrança para a Casa do Gaiato que tanto admiro na pessoa e memória do P.e Américo, que tive a honra de conhecer.» A lembrança era um cheque de cem contos, uma gota maior a juntar a outras mais pequeninas.

E fechamos a coluna na Covilhã, com 5 contos de uma vez e agora mais outros 5 autenticados com o selo branco da Humildade e Amor fraterno: «Muito agradecida por todo o Bem que fazeis através dessa grande Obra, peço o favor de ser incluída com a minha família na vossa oração comunitária».

Padre Carlos

## Novos Assinantes de «O GAIATO»

O número de assinantes continua a crescer. Graças a Deus!

O correio que temos, em nossa frente, é um pequenino mapa do mundo lusfada. Gente de todas as condições sociais.

Alguns dos novos assinantes há muito se interessam pela Obra da Rua, mas, verdade seja, desconheciam O GAIATO. Um deles chegou mesmo a afirmar, alto e bom som: «Parece impossível, conheço a Obra do Padre Américo há tantos anos e tenho esquecido o vosso jornal!»

Penitenciou-se. Quantos e quantos assim?!

Como não somos um jornal mercantilista, adoptamos um critério que provoca, naturalmente, um certo impacto nos leitores que demandam O GAIATO pela primeira vez. Ainda agora, por exemplo, recebemos um postal de Mira de Aire que não resistimos a publicar:

«É extraordinária a Obra da Rua, até pela simplicidade com que actua. Pedi para me enviarem as condições de assinatura de O GAIATO, passados dias recebo o jornal

que chegou, hoje sem condições! Podem crer que foi uma lição para mim e sensibilizou-me profundamente.

Venho comunicar que, hoje mesmo, enviei um vale de correio, modesto contributo para a assinatura.»

Esta senhora de Mira de Aire — pela sua pena, pelo seu coração, pela sua alma — é a melhor resposta para uma legião de pessoas que todos os dias nos aborda sobre condições de assinatura. Ela sentiu e compreendeu, profundamente, a Mensagem transcendente da Obra da Rua e de O GAIATO. Assim, por agora, ninguém melhor do que ela para porta-voz da resposta que nos compete.

Entre a procissão topamos novos leitores do Porto, Lisboa, Coimbra, Gondomar, Avintes, Senhora da Hora, S. Tiago de Bougado, Rio Tinto, Medrões, Ferro (Covilhã), Freixo e Roda (Cardigos), Espinho, Paço de Sousa, Entroncamento, Ermesinde, Vila Nova de Gaia, Pinheiro da Bemposta e França: Paris, Vaulx en Velin e Thiers.

Júlio Mendes

## VIÚVAS

# «Continuemos a caminhar»

Como referimos numa série de notas recentemente publicadas em O GAIATO, o M. E. V. — Movimento Esperança e Vida — «pretende dar apoio às mulheres viúvas e ajudá-las a reencontrar o equilíbrio humano e cristão dentro do estado de viuvez».

Nesta linha de rumo acaba de lançar uma obra de 204 páginas, «CONTINUEMOS A CAMINHAR», prefaciada pelo Bispo de Angra e editada pela Livraria Telos-Editora (Porto).

Este livro «de informação e de encorajamento» apresenta «a Viuvez com todos os seus problemas espirituais, psicológicos e sociais», dando particular atenção a novas formas de actuação de diferentes Movimentos para Viúvas no mundo. E é composto de três partes, bem sistematizadas.

Na primeira, «A Teologia da Viúva», são abordados temas de espiritualidade, documentos pontifícios e uma interessante resenha histórica sobre «Viúvas e mulheres consagradas nos primeiros séculos da Igreja».

A segunda parte traça uma panorâmica dos «Movimentos para Viúvas» no mundo, qual unidade na diversidade: Portugal, Bélgica, Espanha, França, Suíça, África e Brasil.

Por fim, são encarados os «problemas psico-sociológicos da Viúva», jovem e de idade: no trabalho; com ou sem filhos; com filhos deficientes; a felicidade e/ou infelicidade matrimonial repercutida na Viuvez; experiências de grupo no M. E. V.; os direitos e deveres jurídicos da Viúva, até nos domínios da Segurança Social.

«CONTINUEMOS A CAMINHAR» é, de facto, um livro muito oportuno e actual; diríamos uma companhia indispensável para todas as Viúvas.

Júlio Mendes

# Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª página

isso mesmo, que a ele diz respeito a obrigação de amparar e de fomentar as boas vontades existentes, supostas exigências mínimas. Mais do que auxílios materiais importam isenções ou ajudas indirectas, como, por exemplo, algumas já aqui referenciadas: combustíveis líquidos e gasosos ao preço de revenda; não pagamento à Previdência dos encargos resultantes de serem consideradas entidades patronais como quaisquer outras; fornecimento de água e de luz gratuito. Não estarão as Instituições ao serviço do Povo? Delapidam-se tanto dinheiro em tantos sectores da vida pública e das autarquias, às vezes de manei-

ra demagógica e arripante, que é uma tristeza constatar tal facto!

A partir de há seis anos criou-se a euforia dos parques infantis, das creches e de coisas similares. Instituições variadas, algumas venerandas, foram ocupadas ou sujeitas a saque, enquanto se expulsava de outras o pessoal que as mantinha e dirigia. Os resultados estão à vista, com rios de dinheiro gastos sem utilidade de qualquer espécie, casas fechadas ou em profunda deterioração, criando-se mesmo situações irreversíveis. Entretanto, quem mexe nestas coisas sente que os problemas se avolumam, sem que as respostas adequadas surjam. Sim, porque de boas intenções está

o Inferno cheio, e não basta ser descontraído de língua ou gritar na praça pública para as questões se resolverem. Dar o corpinho ao manifesto, perseverantemente, todos os dias e a todas as horas, não é tarefa para todos.

Por outro lado faz pena constatar que as coisas do Estado ou aparentadas funcionam, em geral, deficientemente, quando não mal. Houve, de resto, uma sofreguidão diabólica de tudo destruir ou de tornar inoperante. Fomos, há meses, ao centro do País, buscar a uma Instituição oficial um dos nossos rapazes, cuja família se havia descoberto. Sentimo-nos na obrigação de o trazer, pelo respeito e pela amizade devidos ao nosso jovem. Para cerca de 32 Rapazes havia na referida Instituição à volta de 16 a 18 funcionários, para lá dos serviços de apoio e secretaria existentes na capital do respectivo distrito. Um antigo convento beneditino, cheio de riquezas artísticas incomensuráveis, jazia no pior dos abandonos quando o actual Responsável pela Instituição, num gesto quase heróico, resolveu aceitar o comando, para ver se endireitava aquilo que nos pareceu, à primeira vista, impossível. Máquinas e carros transformados em sucata. Ruínas por todos os lados e os campos degradados, só agora em vias de recuperação. Instalações precárias e desoladoras. Um pandemónio.

Fizemos tudo para animar o actual Responsável, sem iludirmos, porém, as coisas básicas. Ao ver a sua boa vontade sentimos essa obrigação. Nós não tememos que os outros trabalhem bem ou melhor, antes o desejamos e com isso nos vem o regozijo. Temos pena, porém, que às vezes se crie da parte de alguns um certo despeito pelo que os particulares e as instituições privadas vão fazendo, sem dispêndio, pelo menos apreciável, para a Fazenda e sem a exemplaridade oficial contagiante daquilo que se devê ou pode fazer, apesar

# Lar Operário em Lamego

Hoje é grande a tentação de cortar o título desta crónica e escrever SAMODÁES.

É verdade que foi totalmente à sombra do Lar de S. Domingos que se iniciaram as atenções e os trabalhos em Samodães. Foi o Lar de S. Domingos que chamou, em 1979, o grupo de alemães; e, em 1980, os sete jovens da Holanda que foram trabalhar para aquela povoação. Foi ainda do Lar de S. Domingos que saíram os primeiros escudos para as despesas ali efectuadas. Tudo isto é verdade. Agora, porém, começa Samodães a querer dar os primeiros passos em ordem a uma certa promoção. Aparecem dois ou três, mais quatro ou seis prontos a colaborar e sacrificar-se pelo bem da comunidade. Já há quem deixe ficar as suas ocupações pessoais para gastar umas horas ao serviço dos Outros. Há quem altere o horário das refeições (e às vezes mesmo não coma, ou coma a correr) para ser útil e estar

dos fundos materiais volumosos ao dispor.

Para terminar, só para os Leitores saberem até que ponto se chegou neste País, quando se procuram distribuir benesses ou fatias aos amigos ou apaniguados, descurando as finalidades e os objectivos essenciais, apenas diremos que os jovens da Instituição em causa foram mobilizados para ajudar a construir uma casa particular do respectivo director, nos tempos conturbados por que passámos há três ou quatro anos e que, tendo o nosso moço já 19 anos, nunca ninguém o levou a proceder ao recenseamento eleitoral e militar como mandam as leis. Não haja dúvida, tudo edificante!

Padre Luiz

## Lançamento do 3.º volume do livro «DOCTRINA»

Cont. da 1.ª página

do comovente, realista, humano e, sobretudo, actua de tal maneira que nos obriga a sermos menos egoístas e mais solidários com todos os nossos Irmãos.»

Voltando à expedição do DOCTRINA, via CTT, o Mendão já marcou nas embalagens o endereço dos assinantes. Agora, é a malta da lenha a introduzir o livro nos sacos, envolto de cartão conelado oferecido por uma empresa de V. N. de Gaia. Serviço moroso, delicado, feito com entusiasmo pelos nossos rapazes.

Como não podia deixar de ser, O GAIATO leva hoje um postal RSF para ser utilizado por quantos ainda não pertencem ao rol de assinantes da nossa Editorial. É um processo muito simples de o leitor requi-

sitar a obra ou obras que entender; inclusivê de se poder vincular como assinante de O GAIATO ou da Editorial.

Preenchido que seja, o postal (que não carece, de franquia) será lançado em qualquer marco do Correio. O resto é connosco.

Júlio Mendes

Padre Duarte



Director: Padre Carlos  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 41.750 exemplares

## RETALHOS DE VIDA

### O «Carona»



Sou José Paulino, mas deram-me o nome de «Carona». Nasci no dia 9 de Agosto de 1965. São 15 anos já feitos.

Tenho pai e mãe. E cinco irmãos: duas raparigas e três rapazes. Eu sou o mais velho deles todos.

O meu pai é varredor, nos Serviços duma Câmara. Nós morávamos numa barraca de tábuas no meio do monte. Uns rapazes grandes deitaram-lhe fogo e o meu pai foi para a casa da madrinha de minha irmã. A minha mãe e os meus irmãos foram morar para outro lugar, numa casa de pedra sem telhado. A minha mãe arranjou uns plásticos e uns pregos e um martelo e aí ficámos a viver.

A minha mãe tinha um amante, que se metia nos copos e dava-lhe porrada. Eu, de manhã, quando acordava, eles já não estavam. Um dia fugi. Fui bater a uma porta para me darem de comer. Eu andava por lá a pedir dinheiro e fui num autocarro ter com os meus amigos. Com fisgas matávamos pássaros para comer. E roubávamos, também para comer. As vezes tirávamos as penas para fazermos de índios. Entrávamos na Escola pela janela e fíamos roubar marcadores, livros e, uma vez, pegámos na bata da professora.

Na Capela da minha terra arreventámos o cofre, que era de madeira, e tirámos o dinheiro; mas só queríamos as notas.

Uma noite, os meus colegas arranjaram uma cabana para eu viver sózinho. Deram-me uma fisga para não ter medo. Eles davam-me cobertores para dormir. E, todos os dias, logo de manhã, apareciam com pão para mim.

Um dia fomos todos a uma casa velha, onde não estava ninguém, mas deixaram um pombal cheio de pombas. Acaçamos os borrachos; aqueles que não conseguíamos acaçar era à fisgada. Seguimos com a bicharada para vender, encontrámos um rapaz a pedir dinheiro, assaltámos o moço, roubámos-lhe o dinheiro todo e demos-lhe uma coça. Ainda rendeu mais dinheiro do que os pombos.

Lembro-me de um assalto que fizemos a casa da minha madrinha. Foi dinheiro, comida e dois volumes de cigarros. E também me lembro doutro assalto a casa da minha avó, que havia saído. Entrámos pela janela, arrombámos a mala do meu tio e tirámos as notas que lá havia, à volta de dois contos. Depois o meu tio bateu no meu avô, disse-me ele, quando me encontrou na cidade.

Aquela senhora que eu assaltei é que me pôs na Casa do Gaiato, já há dois anos. Não tornei a voltar a minha casa, nem sei como está por lá aquela vida...

Eu, por cá, estou contente. São todos meus amigos, na Casa do Gaiato. E um dia que eu faça os exames todos, quero ser mecânico de arranjar carros. Se não viesse para cá, a esta hora estava na gaiola. Assim, estou a fazer-me um homem prá vida.

Mando um grande abraço para todas as pessoas que lêem o jornal O GAIATO.

José Paulino («Carona»)